



HAL
open science

A Unesco, O Instituto Internacional da Hileia Amazonica e a antropologia no final dos anos 40

Patrick Petitjean, Heloisa Maria Bertol Domingues

► **To cite this version:**

Patrick Petitjean, Heloisa Maria Bertol Domingues. A Unesco, O Instituto Internacional da Hileia Amazonica e a antropologia no final dos anos 40. Priscilla Faulhaber e Peter Mann de Toledo. Conhecimento e Fronteira: Historia da Ciencia na Amazonia, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, pp.83-109, 2001. halshs-00116957

HAL Id: halshs-00116957

<https://shs.hal.science/halshs-00116957>

Submitted on 28 Nov 2006

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A UNESCO, o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e a antropologia no final dos anos 1940

Heloisa Maria Bertol Domingues
MAST/MCT
Patrick Petijean
REHSEIS/CNRS

Introdução

“A extensão e a gravidade desse deperecimento da terra, num processo irreversível, despertou alarme mundial e, hoje, uma legião de cientistas está mobilizada numa campanha internacional pela proteção da natureza e dos seus recursos minerais, vegetais e animais.” Assim, Paulo Carneiro apresentou o projeto do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), de sua autoria, como um projeto internacional de 'ecologia humana', numa reunião do IBECC, Itamaraty, em fins de maio de 1947. Esse projeto, ele havia apresentado, pela primeira vez, numa reunião da sub-comissão de ciências da reunião preparatória da Unesco, em Londres, em junho de 1946. Na primeira Reunião Geral da Unesco, realizada em Paris, em novembro de 1946, o projeto foi oficialmente apresentado pela delegação brasileira, composta por Carlos Chagas Filho, Olympio da Fonseca e o Embaixador do Brasil em Londres, Moniz de Aragão.

Também, em maio de 1947, o IBECC instalou uma sub-comissão para a organização da pesquisa científica no Brasil composta por Lélío Gama, Olympio da Fonseca, Cristóvão Leite de Castro, Arthur Ramos e Carlos Chagas Filho, que era o relator. Em 1948, Carlos Chagas apresentou, noutra reunião do IBECC, como resultado dos trabalhos desta sub-comissão, um plano de organização do Conselho Nacional de Pesquisas. A discussão para a organização da pesquisa científica no país estava em discussão no meio científico, liderada pelo almirante Álvaro Alberto, com quem Chagas, Paulo Carneiro, Olympio da Fonseca, entre outros, eram muito ligados¹.

Paulo Carneiro era o Representante Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, e exercia funções no Conselho Executivo e Comitê Permanente da Unesco. O projeto do IIHA, quando foi apresentado, na primeira Reunião Geral, foi aprovado e abraçado pela Unesco como um projeto prioritário. Na apresentação do programa, Julien Huxley, primeiro diretor geral da Unesco, deu um importante status ao IIHA, vendo-o como um meio de tornar a ação da UNESCO visível. Carlos Chagas defendeu o projeto, dizendo que o caráter internacional da pesquisa poderia trazer resultados úteis para todo o planeta. Olympio da Fonseca, parte constante desse grupo, em 1954, veio a ser o primeiro diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), criado no CNPq. Em 1947, o IIHA era um dos quatro projetos prioritários da Unesco.

¹ Carlos Chagas, na sua entrevista a Simon Schwartzman, em 1979, lembrou que desde 1938, em seguida a uma viagem a Paris, tinha apresentado um relatório sugerindo a criação de um Conselho de Pesquisas, a Vargas e Capanema (Entrevista de Carlos Chagas, Arquivo do CPDOC). Álvaro Alberto tinha sido nomeado ainda em 1946, representante do Brasil na CEA, Comissão de Energia Atômica da ONU, em cujas reuniões a questão da organização da pesquisa científica nos países surgiu como uma necessidade. (Correspondência 1947/1948, Arquivo do Itamaraty). Significativamente, tomou parte das reuniões da sub-comissão da organização do Conselho de Pesquisas, no IBECC, Gabrielle Mineur, adida cultural da Embaixada da França no Brasil. Ela tinha sido secretária de Henri Laugier, quando este foi Diretor do CNRS; o primeiro diretor, em 1939. Mineur estava portanto bem ao par destas questões da organização das ciências.

Dentre os demais integrantes da subcomissão que preparava o Conselho de Pesquisas, alguns também tiveram papel relevante no estabelecimento do IIHA ou na Unesco. Cristóvão Leite de Castro, geógrafo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi um dos representantes nomeados pelo governo brasileiro para representar a sua instituição nas primeiras reuniões do IIHA, realizadas em Belém, em 1947, e em Iquitos, Peru, em 1948². Arthur Ramos, catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia, não teve uma participação direta no IIHA, mas também participou da Unesco, pois, em agosto de 1949, foi nomeado Diretor da Divisão de Ciências Sociais. Ele morreu em seguida, outubro de 1949, portanto, não teve tempo para realizações, mas, a sua nomeação não deixa de ser um reconhecimento às ciências sociais brasileiras. Esse emaranhado de relações mostra que havia uma ligação estreita entre os intelectuais que projetavam o CNPq e o organismo internacional da Unesco que projetava a pesquisa para a Amazônia³.

O IBECC, Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, era um órgão do Ministério das Relações Exteriores, criado para ser a comissão nacional brasileira da Unesco. As comissões nacionais, conforme previa a Carta da Unesco, deveriam favorecer em todos os países a participação dos intelectuais na Unesco, reativamente às questões de relações internacionais. Carlos Chagas, no citado relatório contendo o plano organizacional do Conselho de Pesquisas, definiu bem esse papel do IBECC, de organismo nacional da Unesco. O IBECC opinava também na escolha dos nomes das representações do Brasil junto à Organização das Nações Unidas.

Assim, vê-se que o grupo que se envolveu com a criação do IIHA e com a criação do futuro CNPq - que se deu, oficialmente, em 1951 -, formava uma rede de cientistas que estava imbuída dos mesmos planos para as ciências que embalsamaram a criação da Unesco e da sua Seção de Ciências Naturais (onde o IIHA ganhou forma), no momento imediatamente posterior à segunda guerra mundial. Nessa época, a organização da pesquisa científica era considerada um imperativo e uma urgência, ditada pelo papel que desempenhou na vitória dos aliados (em particular, a bomba de Hiroshima). É preciso observar ainda que essa rede de cientistas operava através da Unesco, que teóricamente funcionou então como o lugar de encontro e trocas científicas de todos os países preocupados com a organização das ciências.

Nesse sentido, lembrar, como Norbert Elias, ao discutir a questão da alienação e envolvimento na produção de conhecimentos, que as ciências, como a economia, se referem a seres humanos organizados em grupos e a pessoas que podem dizer 'eu' ou 'nós', 'você' e 'ele', é uma proposição básica para entender, o que ele denominou, a 'sociologia do processo' (Elias, 1998:58). Analisando esse processo histórico do surgimento do IIHA, podemos entender porque o projeto desse instituto, embora tivesse sido politicamente abortado, colocava em tão estreita relação órgãos nacionais e internacionais de ciências. É esse um dos indícios que mostram que o evoluir científico depende ao mesmo tempo de determinantes externos e internos ao campo científico. No caso do IIHA, a análise não pode restringir-se à interconexão dos cientistas, pois, esta não pode prescindir do valor tanto econômico como político de um tão polêmico objeto: a Amazônia. As pesquisas sobre a Amazônia tem colocado em primeiro plano a questão da articulação entre os níveis de organização nacional e internacional, num contexto em que relações científicas, econômicas e políticas estão fortemente ligadas.

O IIHA foi considerado como exemplar na experimentação de novas formas de organização científica a nível internacional. Ele surgiu, no entanto, num momento em que

² Houve uma terceira reunião do IIHA, em seguida a de Iquitos, meados de maio de 1948, realizada em Manaus, da qual participaram os membros da Comissão Interina eleita em Iquitos.

³ Antes de Arthur Ramos, Anísio Teixeira havia sido nomeado, desde agosto de 1946, sub-diretor da divisão de educação. Ele permaneceu no cargo até o início de 1947, quando lhe propuseram o de diretor. Ele porém declinou preferindo aceitar o convite para ser Secretário de Educação no Estado de Bahia.

também internamente organizava-se a política para a região. A Constituição de 1946 previu, no artigo 199, a destinação de 3% da renda da União ao desenvolvimento da Amazônia. Na Câmara Federal foi criada a Comissão de Valorização da Amazônia, onde discutiam quais seriam os melhores planos de desenvolvimento para a região. Pouco antes, em 1939, tinha sido criado o Instituto Agrônomo do Norte (Decreto 1245 de 4 de maio de 1939), ligado ao Ministério da Agricultura, que passou a funcionar em 1941, com o objetivo de realizar pesquisas agrícolas no norte do país.

IIHA: um projeto de ecologia humana

Concebido como um projeto de "ecologia humana" para a Amazônia, o IIHA integrava-se aos planos da Unesco de prevenir os conflitos trazidos pela guerra, como o da bomba atômica ou o dos fascismos, e situava-se numa teia de organizações internacionais que ajudasse a compreensão mútua e o desenvolvimento das relações culturais, que colocava as ciências a serviço da humanidade, visando minimizar os efeitos da Guerra Fria. Esta era uma idéia forte no imediato pós-guerra que a Unesco encarnou, em seus primeiros tempos (Petitjean e Domingues, 2000:269).

O projeto de Paulo Carneiro, foi facilmente abraçado pela Unesco pois foi considerado o projeto certo, apresentado no momento certo. Tinha sido concebido por um cientista do dito mundo 'periférico': não podia portanto ser taxado de eurocêntrico, ou seja, de imperialista; era um projeto internacional. Previa a reunião dos países considerados amazônicos, que trabalhariam várias disciplinas de interesse também dos demais integrantes do mundo tropical úmido. Concebido numa visão positivista, o projeto do IIHA fazia eco ao pensamento dos dirigentes da Unesco, principalmente Julian Huxley, o primeiro presidente, e Joseph Needham, o primeiro diretor da Divisão de Ciências Naturais. Estes, em comum com Paulo Carneiro, valorizavam a função social das ciências considerando, entre outras prerrogativas, que institutos como o IIHA eram o melhor meio de aperfeiçoar as condições de vida, assegurar o desenvolvimento econômico dos países 'atrasados' e, sobretudo, de responder aos problemas da fome, da desertificação e da superpopulação (Petitjean e Domingues:2000). O projeto do IIHA, coerente, previa 'civilizar', porém, através de um modo de desenvolvimento que se preocupava com a preservação da natureza e dos índios da Amazônia, daí ter sido definido pelo próprio Carneiro, como um projeto de 'ecologia humana'.

Na primeira reunião do IIHA, em Belém, em agosto de 1947, reuniram-se representantes dos países, que participariam do novo instituto, para definir o seu plano de trabalho. Essa reunião, partindo da premissa de que a *natureza é universal* e considerando a importância econômica e social da Amazônia determinou os objetivos do Instituto, recomendando urgência no desenvolvimento de pesquisas nas várias áreas das ciências naturais, como botânica, zoologia, geologia, geografia física, meteorologia, pedologia, bioquímica vegetal, fisiologia animal, medicina, ecologia ou antropologia (na estrutura da UNESCO a antropologia era parte da Seção de Ciências Naturais), *para o conhecimento e utilização desse imenso reservatório*, conforme afirmou Fred Soper numa carta a Huxley em que falava da reunião de Belém⁴.

A reunião foi presidida por Fred Soper, representante da Organização Mundial da Saúde (WHO) e diversas organizações americanas: Instituto Inter-Americano de Agricultura (IAIA), Repartição Sanitária Pan-Americana (PASB), União Pan-Americana (PAU), tendo como Secretário Geral E.J. Corner, representante da Unesco e como Relator, Paulo Carneiro. O trabalho na reunião, dividiu os participantes em comissões de Ciências Naturais, Ciências Sociais e Educação, Nutrição e Ciências Médicas. Soper já havia trabalhado no Brasil, nos anos 20, sobre a febre amarela e, em 1930, foi nomeado chefe da Fundação Rockefeller para o

⁴ 18/8/1947, UNESCO/2C/18

Brasil. Com a criação da Organização Mundial de Saúde, após a segunda guerra, tornou-se um de seus responsáveis (Soper, 1977). Na década de 40 os americanos reforçavam o panamericanismo. Na segunda metade de 1947, realizou-se em Petrópolis, RJ (15/8–02/9) a Conferência Panamericana, onde foi assinado o pacto panamericano de segurança, ocasião em que também o presidente americano Truman visitou o Brasil. Portanto, para o projeto americano daquele momento, era importante manter uma representação no IHA.

O relatório de Fred Soper da reunião de Belém terminou afirmando que o projeto formulado para o IHA naquela reunião levava em conta o relevo que a Unesco tinha dado ao Instituto, anteveendo a imperiosa necessidade econômica e social de transformar a imensa área equatorial sul americana em pródigo fator de bem estar para a comunidade humana. O IHA, disse ele, *“enquadrado no âmbito e nos propósitos da Unesco, será, pela sua própria estrutura, em que se associam dez países e diversas organizações internacionais, um elo de paz entre as nações, uma fonte permanente de educação e cultura na vastidão territorial que elegeu para campo de sua atividade e um centro de investigação científica destinado à proteção e ao conhecimento da natureza tropical, no empenho de torná-la propícia à adaptação humana”*⁵.

As comissões, atendo-se às suas respectivas especialidades, não deixaram de salientar a importância das populações locais para o conhecimento científico da região. Assim, por exemplo, a sub-comissão de Botânica, da comissão de Ciências Naturais, estabeleceu, como um de seus itens prioritários, o registro dos usos das plantas entre as populações indígenas, considerando a importância do saber adquirido pela experiência dessas pessoas afeitas à vida da floresta. Essa proposta foi também corroborada pela sub comissão de Estudos Indígenas, da Comissão de Ciências Sociais e Educação, que recomendou estudos de etno-botânica, etnozootologia, e de medicina indígena, além de propor que fossem incentivadas junto às comunidades o ressurgimento de técnicas em vias de extinção.

Na sub-comissão de Agricultura, da Comissão de Nutrição e Ciências Médicas, Felisberto Camargo, diretor do Instituto Agrônomo do Norte, apresentou um adendo ao relatório chamando a atenção para a deficiência alimentar que imperava entre as populações de todas as regiões tropicais devido à carência de matérias protéicas, e sugerindo a introdução de rebanhos bovinos, o cultivo de pastagens, a criação de laboratórios que estudassem a adaptação de culturas forrageiras ao trópico úmido, a questão das pragas, tanto dessas culturas como das que atacavam os animais, e a alimentação mais adequada aos rebanhos. Na verdade, Camargo previa um desenvolvimento massivo da agricultura da Amazônia, insistindo na idéia de colonização: - *“O problema de colonização é problema chave para o desenvolvimento econômico da Hiléia, visto que não possuímos em parte alguma de sua imensa região, os braços necessários para atender as necessidades mínimas do momento. Faltam braços por toda a parte. Faltam os alimentos principais, que são importados de outras regiões do país e do exterior. Basta lembrar que 98% do leite que se consome na Amazônia é importado e o que se produz não merece a mínima confiança”*. No entanto, continuava Camargo, numa carta que dirigiu ao SNPA, Ministério da Agricultura, relatando a Conferência de Belém, em 25 de agosto de 1947, - *“o problema da colonização, foi alvo de prolongados debates injustificáveis e finalmente retirado da discussão, foi desprezado totalmente a bem da harmonia do Congresso, atendendo, assim, ao espírito da maioria, que viu nesse problema um perigo ou um fantasma”*. Embora, dizia ainda, a sua exposição sobre os problemas agro-econômicos da região tivesse sido discutida pelos representantes da FAO e da Grã-Bretanha e por outros membros da Comissão de Ciências Naturais, que lhe fizeram várias sugestões⁶.

⁵ UNESCO 2C/18

⁶ Carta de 25 de agosto de 1947 ao Dir. do SNPA (arquivo Felisberto Camargo, Belém). Felisberto Camargo em entrevista ao *Time Magazine*, em 1948, criticou o projeto do IHA, ao mesmo tempo que enfatizou a importância do seu plano de colonização da Amazônia (Petitjean e Domingues, 2000).

Sob outro prisma, a sub-comissão de Ciências Sociais e Educação encarou mais diretamente o problema das populações locais. Essa comissão foi presidida por Heloisa Alberto Torres, Diretora do Museu Nacional e futura presidente da Comissão Interina do IIHA, e composta por Luis Alaysa Paz y Soldán do Perú, Rafael Alvarado do Equador, Rafael Guetierrez da Bolívia e, do Brasil, além da coordenadora, participaram Leôncio Salignac de Sousa (do Estado do Amazonas), Miguel Pernambuco Filho e Paulo Carneiro. Para essa comissão, que se dividiu em três sub-comissões: geografia humana, educação e estudos indigenistas, o centro das atenções do IIHA deveria dirigir-se ao homem amazônico. A sub-comissão de geografia humana por exemplo recomendou que, em algumas cidades típicas da Hiléia Amazônica fossem promovidos inquéritos sociais a fim de fixar características antropológicas, feição cultural e econômica, gênero de atividades, regime alimentar, estado sanitário, etc. Recomendava que fossem selecionadas zonas próprias para o estabelecimento de núcleos de colonização adaptados às diferentes atividades agrícolas ou industriais da região amazônica, que fossem estudados meios de transporte para estabelecer redes de intercomunicação fluvial, terrestre e aérea a fim de integrar os países, que fossem as ciências divulgadas para as classes produtoras, que fossem estudadas as habitações e as condições de trabalho, etc. A sub-comissão de Educação visava a educação fundamental com todos os meios, inclusive audiovisuais, para promover a cultura popular e as técnicas rurais, a química industrial, a agricultura, a higiene.

Por fim, a sub-comissão de Estudos Indigenistas recomendou que fossem supervisionados por antropólogos todas as atividades que tocassem direta ou indiretamente à vida e à cultura indígena da Amazônia; que fossem estudadas as causas do despovoamento dos centros indígenas; que a integridade cultural das comunidades indígenas fosse preservada e, a interferência, quando necessária, se limitasse ao estabelecimento de condições de higiene e técnicas propícias à respectiva preservação e desenvolvimento; além do estudo da cultura indígena, já citado. Recomendava aos governos dos países amazônicos a concessão, aos indígenas em vias de assimilação à vida civilizada, de bolsas de estudos que lhes permitissem completar a educação técnica profissional⁷. Essa sub-comissão deixava claro que o papel do IIHA deveria ser o de interagir com as populações locais, buscando conhecer os seus problemas, e tentar saná-los com intervenção mínima na sua cultura. Porém, esta não era uma visão consensual.

Nesse sentido, o projeto do IIHA, saído da reunião de Belém, refletia uma forte ambigüidade em relação aos objetivos previstos para as populações locais. De um lado, a representação americana, com a anuência de Felisberto Camargo, diretor do Instituto Agrônomo do Norte, defendia a colonização e, de outro, o projeto de antropologia preconizado por Heloisa Alberto Torres e Paulo Carneiro, na seção de Ciências Sociais, visava a preservação da cultura das populações e dos recursos. Esses últimos identificados na idéia de 'ecologia humana'.

A Antropologia: projetos do IIHA

A importância da antropologia na estrutura do IIHA ficou corroborada no fato de ter sido esta disciplina a única que teve ali dois trabalhos realizados. Embora, a escolha deles não ter sido uma unanimidade junto às representações do Instituto, a idéia de que o estudo da integração social no meio físico era uma necessidade, foi uma preocupação comum.

O fato da antropologia fazer parte da proposta de um instituto situado na Seção de Ciências Naturais na Unesco não era contraditória. Ela nascera atrelada às ciências naturais que se desenvolveram nos museus de história natural, no século XIX, onde estudava-se a botânica, a zoologia, a mineralogia, geologia, arqueologia, etnografia, antropologia, indiscriminadamente.

⁷ Relatório das Comissões, Belém, 1947: Arquivo do Itamaraty, 80-04-01.

Todas eram fornecedoras de objetos naturais, passíveis de estudos e de figuração nas exposições públicas que caracterizaram a todos esses museus.

O objetivo de dar novo incentivo às atividades do Museu Goeldi - um tradicional museu de ciências naturais que datava do século XIX -, como projetou inicialmente Paulo Carneiro, não necessariamente significou uma repetição de antigas práticas de ciências naturais ou, principalmente, da antropologia. Na reunião do IIHA, em Belém, o primeiro debate prendeu-se ao futuro do Museu Goeldi e sua transformação num instituto internacional. Nessa condição ele poderia assegurar a coordenação das expedições à Hiléia Amazônica e a divisão das coleções com outros museus; a formação de um corpo de jovens cientistas bem treinados para acompanhar as expedições; poderia exercer uma fiscalização eficaz das expedições; criar e desenvolver laboratórios de pesquisa capazes de acolher os especialistas que visitariam a Amazônia temporariamente; promover a formação imediata de um grupo de trabalho sobre temas que seriam objeto de estudo de diferentes setores da Unesco; recuperar a publicação de diferentes obras inéditas de antigas expedições realizadas na Amazônia, conforme disse Paulo Carneiro no relatório da reunião. Comparou-o ao *Smithsonian Institution*, mas era prudente: *tratava-se de pequeno núcleo de biólogos e antropólogos trabalhando no Museu Goeldi com ramificações no mundo inteiro, graças às colaborações internacionais*. O seu desenvolvimento seria progressivo.

Ao final da reunião de Belém, no entanto, foi discutida a possibilidade da sede do IIHA ser em Manaus, porém, o Museu Goeldi seria um braço forte do IIHA, juntamente com outras instituições⁸. No relatório desta reunião, Soper afirmou que em acordo firmado com o Governador do Estado do Pará, o Museu Goeldi poderia colocar ao serviço do IIHA, as suas coleções botânicas, zoológicas, etnográficas e arqueológicas, permitindo ainda a expansão do Museu pelos terrenos disponíveis que o cercavam. Acrescentou que o governo estadual comprometera-se em construir um novo prédio para o Museu, adaptado às coleções que possuía e aos estudos correspondentes⁹. O que evidenciava a estreita relação entre as instituições e o fato de ter havido aceitação do Instituto da Unesco naquele lugar.

Na preparação da reunião do IIHA, na região, que requereu viagens pelos estados integrantes, em 1947, ficou evidenciada a importância da antropologia no IIHA. Para compor a comitiva da Unesco, foi convidado o etnólogo, já bem conhecido dos brasileiros, Alfred Métraux. Ele era, desde 1946, funcionário da ONU. O representante da Unesco, era o recém nomeado chefe do Escritório da Unesco em Manaus, o botânico inglês, E. P. Corner. Foram acompanhados também do representante do Museu Nacional, o jovem botânico Luis Emidgio de Melo Filho. Métraux chegou a Belém, para encontrar os demais, no dia 30 de maio de 1947. Trabalharam essencialmente no Museu Goeldi e encontraram-se também com Felisberto Camargo, diretor do Instituto Agrônomo do Norte. Fizeram um itinerário entrecortado. No dia 11 de junho viajaram para Manaus. De Manaus viajaram para Cuiabá no dia 15 e, no dia seguinte chegaram ao Rio de Janeiro. Métraux permaneceu mais um mês no Rio trabalhando no Museu Nacional, com Heloisa Alberto Torres e Corner, para preparar a reunião de Belém. Paulo Carneiro também encontrava-se no Rio nessa ocasião. No exercício da antropologia, no Rio, Métraux encontrou-se com Eduardo Galvão e com o Mal. Rondon, conforme mencionou em seu livro *Itinéraires 1* (Métraux, 1978).

⁸ Sobre o Instituto Agrônomo do Norte, cujo diretor Felisberto Camargo participou das reuniões, o relatório de Soper dizia que poderia ser órgão consultivo e executivo dos planos de pesquisa agrícola do IIHA e destacou também a importância da sua biblioteca. Ele citou a participação do Conselho Nacional de Geografia que, pelo concurso de seus geógrafos na Amazônia, disponibilizaria os seus dados aerofotogramétricos para o imediato início de estudos pedológicos dos quais o IIHA necessitava (Soper, 1947), e o Museu Goeldi, que colocaria a disposição do IIHA as suas coleções botânicas, zoológicas, arqueológicas e etnográficas.

⁹ Unesco 2C/18

Métraux foi um elo importante entre o IIHA e o Brasil. Quando a 'comitiva da Unesco' deixou Belém, em 1947, o então diretor do Museu Goeldi, Machado Coelho, enviou um telegrama a Nunes Pereira, em Manaus, comunicando que esta viajara rumo a Manaus, e pedia-lhe, que se pudesse, os apanhasse no aeroporto. Sublinhava que, entre eles, encontrava-se “o grande Métraux”, evidenciando toda a sua simpatia a esse antropólogo, como se podia ler na expressão do telegrama, acrescentando ainda que Métraux queria muito conhecê-lo¹⁰.

A despeito da simpatia manifestada a Métraux, a antropologia não parecia ser uma ciência priorizada na gestão Machado Coelho, à frente do Museu Goeldi. A julgar pela correspondência da direção do Museu, entre os anos 1946 e 1948, as ciências que se destacaram foram algumas das mais características dos museus de ciências naturais, tais como, as classificações botânicas ou zoológicas, a entomologia, a piscicultura, a ornitologia, a arqueologia e a etnografia. A prática da etnografia se observa pela marca deixada por Kurt Nimuendaju, que morreu naqueles anos reconhecido internacionalmente como etnógrafo¹¹.

Alfred Métraux, formado nos métodos que iniciaram a antropologia social, trabalhara com Paul Rivet, no Musée de l'Homme e conhecia o Brasil de longa data. Ainda em 1929, Heloisa Alberto Torres escrevia a Rivet (outro velho conhecido do Brasil) dizendo que Métraux tinha estado no Museu Nacional e, Roquette Pinto (antropólogo e, então, diretor do Museu) e ela, lhe haviam dito que os discípulos de Rivet sempre seriam recebidos por eles de coração aberto¹². Em 1947, atendendo o pedido de Corner e Paulo Carneiro, Rivet o indicou para ajudar a Unesco nos primeiros trabalhos de antropologia na América Latina. Corner escreveu então a Rivet dizendo que tinha tido a melhor impressão de Métraux, durante os dois 'agradáveis' meses que haviam passado juntos preparando a reunião de Belém¹³.

Paul Rivet, também etnólogo, fundador do Musée de l'Homme de Paris, tinha fortes laços de ligação com o Brasil. Vivera no Brasil por longo tempo, até que em 1936/37, assinou uma petição em favor de prisioneiros comunistas, entre eles, Prestes. Com isso, foi excluído da Academia de Ciências do Brasil com um abaixo assinado de 'colegas' que não aceitavam sua condição de socialista¹⁴. Ele foi o representante francês na reunião de Iquitos, assumindo o lugar do Ehrardt, o pedólogo que realizaria trabalhos para o IIHA, mas, na última hora foi designado para uma missão do governo francês na África. Rivet acabou por presidir a polêmica reunião de Iquitos, secretariado por Heloisa Alberto Torres, sua amiga, eleita, com o seu voto, presidente interina do IIHA.

Na antropologia, o trabalho de Rivet, do ponto de vista metodológico, pode ser tomado como uma espécie de passagem da antropologia mais tradicional para a antropologia social. Relendo o seu livro, *A origem do homem americano*, percebe-se a preocupação em entender a origem da diversidade cultural e social. Analisando desde as formas físicas, a arqueologia, até detalhes lingüísticos e as interações das culturas com o ambiente climático e demais formas de vida: fauna e flora, ele concluiu que: *-Uma grande quantidade de invenções, de aperfeiçoamentos técnicos, testemunharam o gênio criador e as notáveis qualidades de observação do índio americano. Deve-se sublinhar que todas as tribos, tanto as fortemente organizadas das antiplanícies andinas, como as de caçadores e pescadores das selvas*

¹⁰ Telegrama de Machado Coelho a Nunes Pereira: março/1947 (Arquivo do Museu Goeldi). Este telegrama confirmava a aceitação do projeto da Unesco em Belém. Em Manaus, esta aceitação ficou registrada na fala do Governador, na Assembléia Legislativa, ainda em 1948. Veja-se, neste volume, a declaração de Nunes de Mello sobre o IIHA: -“Todo o mundo queria o IIHA, seria alguma coisa aqui [na Amazônia]!”

¹¹ Arquivo Museu Paraense Emilio Goeldi; Correspondência – 1946-1948.

¹² Carta de 7 de maio de 1929; arquivo Rivet, Musée de l'Homme, Paris.

¹³ Arquivo Rivet; Musée de l'Homme, Paris.

¹⁴ Carta de julho de 1947 (Dossiê Rivet, Academia de Ciências, Rio de Janeiro).

tropicais ou subtropicais, contribuíram para enriquecer este patrimônio comum, especificamente índio (Rivet, 1960:152). Na Introdução da tradução da 3ª edição deste livro, Paulo Duarte, que com ele fundara e animara o Instituto de Altos Estudos Franco-Brasileiros, em Paris, mostrou como Rivet fora fortemente ligado a Franz Boas, reconhecido como um dos iniciadores da antropologia social. Duarte comentou que Boas morreu ao final de um almoço que Rivet lhe ofereceu em New York, agradecendo-lhe o convite para visitar a Universidade de Columbia. Rivet estava vivendo no México como refugiado de guerra. Este fato, além de comovedor, ilustra perfeitamente a identidade de ambos e, conseqüentemente, dos grupos que dirigiam. Afinal, Métraux, apesar de, posteriormente, ter tido uma produção intelectual e científica autônoma e de ter convivido com colegas americanos, saíra da escola de Rivet e Wagley foi orientando de Boas em Columbia.

Métraux manteve correspondência com o Brasil, particularmente, com Heloisa Alberto Torres. Nessa correspondência, além de tecer elogios à atitude dinâmica da diretora do Museu Nacional, para impulsionar as ciências naturais no Brasil, especialmente a etnografia, ele pediu-lhe conselhos de como proceder em alguns momentos novos de sua vida, como foi a sua entrada para a ONU, em 1946 e, em seguida, o convite para participar do IIHA. Para a ONU entrou em 1946, tornando-se um ‘funcionário internacional’, pois, juntamente com Gottmann, foi para os EUA coordenar uma divisão do Departamento de Questões Sociais da Organização das Nações Unidas¹⁵.

Foi no exercício desse cargo que recebeu o convite para fazer parte da comissão que iria preparar o programa da Hiléia Amazônica, o que, como disse numa das cartas à Heloisa Alberto Torres, lhe permitiria realizar um sonho caro, de mais de 20 anos: *–Em 1928, eu tinha lhe dito o quanto eu gostaria de conhecer o Brasil de outra maneira que não os livros. O convite partira de Corner, e Métraux, ao informar à Diretora do Museu Nacional, dizia que havia falado dela e de sua obra no Museu a ele, Corner, que estava em vias de viajar para o Brasil e iria imediatamente procurá-la, como o fez.*

Nessas cartas, Métraux falou também do quanto o projeto do IIHA havia interessado a Charles Wagley, que Heloisa Alberto Torres também conhecia de longa data. Fazia pelo menos dez anos que Wagley trabalhava no Brasil e freqüentava o Museu Nacional. Durante a década de 40 ele trabalhou no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), na Amazônia, como representante americano. Na sua carta, Métraux disse que, para Wagley, o projeto da Hiléia Amazônica poderia permitir-lhe voltar ao Brasil e terminar seu estudo em Gurupá, em colaboração com seu jovem aluno [Eduardo Galvão], o que de fato aconteceu¹⁶.

Porém, o entusiasmo de Métraux com o IIHA logo diminuiu. Ainda em setembro de 1947, em outra carta à Heloisa Alberto Torres, Métraux, expressou ceticismo em relação ao andamento do projeto do IIHA, dizendo que ela certamente havia tomado conhecimento das dificuldades que atingiam o projeto, por intermédio de Corner. Diante do que, ele havia sugerido, que em lugar de um grande instituto, fosse apresentado um ‘projeto interino’, sustentado pela Unesco, que permitiria a um grupo de cientistas iniciar os trabalhos e, assim, dar uma mostra do que poderiam realizar. *–O trabalho que nos aguarda é urgente e eu acredito mais no esforço imediato e coerente do que nos projetos grandiosos. Como eu poderia penetrar no sertão do Xingu ou do Rio Negro? Depois de ter visto a Amazônia guardarei uma nostalgia permanente*¹⁷. Aparentemente a sugestão de Métraux foi aceita pois na reunião de Iquitos, no Peru, foi criada a comissão interina, presidida por sua amiga, e foram determinados os primeiros trabalhos a serem realizados pelo IIHA. Métraux deixara Belém

¹⁵ Jean Gottman era encarregado da estruturação dos laboratórios científicos internacionais da ONU. Ambos, Gottman e Métraux trabalhavam sob a égide de Henri Laugier, então secretário geral adjunto da ONU.

¹⁶ Carta de 30/4/1947-Arquivo Heloisa Alberto Torres.

¹⁷ Carta de 16/9/1947 – arquivo Heloisa Alberto Torres.

inquieta porque nada de concreto havia sido decidido. Com isso, para a Reunião Geral, no México, Huxley buscou frear o engajamento financeiro da Unesco para o IIHA, mas, Needham e a Divisão de Ciências, defenderam a idéia de realização de atividades "provisórias" (interinas), assim, foi decidido o financiamento dos "surveys" e contactados os primeiros cientistas que poderiam chefiar as expedições do IIHA.

Mesmo assim, o projeto de Métraux para a antropologia, que seria realizado no IIHA, foi apresentado à Unesco no início de 1948, com o título *Principais Objetivos da Seção de Antropologia do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica*. Ele começava esse trabalho dizendo que “a decisão de estudar as populações nativas da Amazônia, tomada em Belém, abria campo importante para a antropologia.” Citando D. Pierson, sublinhava que os 140 grupos existentes na Amazônia deveriam ser estudados rapidamente pois suas culturas estavam fadadas a desaparecer num futuro próximo. Somente alguns poucos ainda permaneciam isolados, sem contato algum com “civilizados”. E, dentre os que tinham contato, algumas exceções insignificantes sobreviviam com a agricultura, pesca e caça; a mandioca era o vegetal mais cultivado. Dizia que chamava-se aquela área da hiléia de “área da mandioca”.

O contato com a cultura desses grupos, dizia Métraux, facilitaria a exploração e o desenvolvimento da Amazônia, falando assim incluiu-se nos mesmos planos, políticos e científicos, da Unesco e dos países envolvidos. Sobre isso dizia: *os colonizadores brancos que se estabelecerem na América Sul tropical podem adotar a alimentação com os principais produtos regionais e muitas técnicas da população nativa para sobreviver nesse novo e inóspito meio. Eles dependem dos índios para fabricar os artefatos indispensáveis e os usam como guias e ajudantes nas suas expedições ao interior. O papel dos índios da Amazônia na formação das colônias européias no Novo Mundo tem sido conspicuo, e não necessitava maiores recomendações que as que já recebera.*

Para Métraux, estudar a sua organização significava ganhar base para muitos outros estudos sobre, por exemplo, a vida econômica, ou *os registros exatos das suas atividades de subsistência, do seu ritmo, das suas implicações sociais, religiosas e psicológicas*. Tudo isto dizia respeito, sublinhava, *às questões da adaptação a um meio tão inóspito quanto desconhecido para o homem da nossa civilização. Os índios da Amazônia contribuíram para a nossa civilização pela descoberta e exploração das propriedades de muitas plantas, tais como, borracha, mandioca, curare, vinhos contendo o princípio de rotenone (princípio tóxico encontrado principalmente no timbó), ou guaraná. Os estudos etnobotânicos poderiam ser realizados simultaneamente por botânicos e antropólogos.* O que foi recomendado também pela comissão de Botânica da reunião de Belém.

Principalmente, Métraux objetivava que os trabalhos antropológicos construíssem uma interação entre as culturas diferenciadas. Ele levantou uma dúvida quanto a possíveis ‘ajudas’ que se quisesse dar aos índios, em dificuldade no processo de aculturação para a nossa civilização, questão que havia sido levantada em Belém. Referindo-se novamente a Pierson, apontou alguns grupos ainda intocados na sua cultura – do Xingu, Acre, etc., e sublinhou que o Instituto deveria considerar que seria duvidoso acumular conhecimentos que não servissem para manter a própria dignidade deles, que o IIHA deveria ajudar, isto sim, para preservar a dignidade e originalidade das populações nativas, somente assim estaria servindo à ciência e à humanidade.

Métraux sugeriu que além dos estudos que enumerara, deveriam determinar as áreas de culturas e sub-culturas que pudessem fornecer as bases para a especulação da antiga história do homem americano. Outro ponto de interesse seria sobre a questão da antropologia física, no tocante às raças dos índios, pois, alguns estudos faziam paralelos entre os índios da Amazônia e os da América do Norte. Como ainda existiam grupos numerosos, racial e culturalmente tipos, isso possibilitaria estudos comparativos de significância numérica. Esse plano, em última instância, ainda discutia as mesmas questões que inquietaram Rivet. Não punha em dúvida a diversidade, evidenciava-a, afirmando que ela deveria ser respeitada.

Na mesma época, início de 1948, quando o projeto de Wagley para trabalhar em Gurupá foi entregue à Unesco e foram sugeridos nomes para integrar as várias comissões científicas que formariam o IIHA (antropologia, botânica, zoologia, nutrição, meteorologia, geografia, geologia), Corner comentou que Métraux não era a única autoridade em antropologia para a região amazônica: "o professor Laugier punha em dúvida a sua capacidade de administração, assim, era melhor que Métraux permanecesse no Haiti"¹⁸. Métraux foi para o Haiti terminar uma pesquisa já iniciada, mas insistiu no nome de Wagley para os trabalhos de antropologia do IIHA. As críticas de Métraux aos resultados da reunião de Belém, haviam colocado em dúvida sua autoridade para continuar gerindo o projeto de antropologia do IIHA, porém, suas indicações foram mantidas.

Os trabalhos, de Wagley e Galvão em Gurupá (Unesco.IIHA/14) e a indicação de Anibal Buitron para chefiar a comissão da antropologia da expedição ao vale do Rio Huálaga, foram indicações de Métraux. Anibal Buitron, antropólogo equatoriano, fez um agradecimento a Métraux, na primeira frase do seu relatório.

Porém, a discussão para a realização do programa de atividades para o primeiro ano do IIHA -1948-1949-, surgida em Iquitos, não foi tranqüila. Nessa reunião foi votada a criação da comissão interina, que colocava, oficiosamente, o Instituto em funcionamento. Heloisa A. Torres, eleita presidente da Comissão Interina, sugeriu que, em antropologia, poderia ser aproveitado o projeto de Charles Wagley sobre os índios de Gurupá. A proposta foi aceita, mas ao ser discutido o restante do programa os participantes perceberam que ele viera preparado da Unesco, sem ter sido discutido pelos demais participantes. Segundo um relatório enviado da Colômbia para Rivet, datado de 22 de maio de 1948, com o título: *Memorandum Reservado Sobre o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica*, tinham sido contratados os antropólogos Alfred Métraux e Charles Wagley, o entomólogo mexicano Candido Bolivar, o botânico colombiano Perez Arbelaez e o especialista em estudos de solo, o pedólogo francês Henri Erhard. De fato, em março de 1948, Corner havia enviado um ofício ao diretor do Museu Goeldi, Machado Coelho, informando sobre o andamento dos trabalhos para o estabelecimento do IIHA e dizendo que estavam contando que os mesmos cientistas [citados] participassem dos trabalhos que seriam realizados em Iquitos em maio. Corner terminava por pedir a Machado Coelho sugestões para trabalhos de campo relativos à utilização da terra, projetos de colonização, expedições, etc.¹⁹.

A informação sobre a prévia contratação dos cientistas parece ter soado como uma bomba em Iquitos, principalmente para a delegação peruana, que sediava a reunião, e manifestou desejo veemente de ter prioridade na realização das atividades do IIHA, defendendo um projeto de estudo do vale do Rio Huálaga, em Tingo Maria. As discussões para chegar ao bom termo do programa para o primeiro ano não foram fáceis. A posição contrária da Unesco ao projeto do Peru foi fortemente criticada, inclusive por Rivet, presidente da reunião. O Brasil manteve-se ao lado da Unesco, mas, a maioria foi vencedora e a expedição ao Rio Huálaga acabou se realizando.

Essa expedição abrangeu várias áreas das ciências naturais. Teve como chefe geral o entomólogo espanhol (naturalizado mexicano), Candido Bolivar, e contou em Botânica, com R. Ferreyra, em geografia, com Edwin Doran, que trabalhava como assistente de estudos peruanos e, finalmente, em etnologia, com Anibal Buitron. O trabalho de Anibal Buitron contou com o apoio material da embaixada americana e do Instituto de Etnologia, ambos de Lima (este último era dirigido também por um americano, Allan Holmberg), e do *North American Air Mission* que forneceu informações, material de campo e bibliografia para a expedição. A participação americana nesta expedição foi significativa. Ela continha um projeto de colonização, pois, a sugestão geral do relatório final, escrito por Candido Bolivar

¹⁸ Unesco, Nat. Sci. 5.65/1948.

¹⁹ Arquivo Museu Goeldi, Correspondência, 1948.

era de que fosse incentivada a imigração de 1 milhão de pessoas para desenvolver o vale do Huálaga.

A expedição ao vale do Rio Huálaga, iniciou-se logo em abril de 1948. O relatório de Buitron, entregue em dezembro do mesmo ano à Unesco, descreveu minuciosamente as condições físicas do meio e dos habitantes e, também, as condições sociais dos vários lugarejos que compunham o vale, mostrando uma região tipicamente agrícola, habitada, originalmente, por fugitivos da polícia ou pessoas doentes, que chegavam à região em busca de terras férteis e rios piscosos. Os itens descritos foram, entre outros, habitação, indumentárias, alimentação, demografia, condições econômicas e sociais – falou inclusive do status da mulher nos grupos -, educação – primária e secundária, esta pouquíssima -, política, religião, festas, atividades dos habitantes, agricultura e os estoques – com destaque para as culturas de milho, feijão ou bananas -; artesanato e indústria – enfatizando a produção da coca em Fuchita -; caça, pesca, extrativismo, meios de transporte – cavalos ou mulas e, principalmente, bicicleta. Havia serviço de aviação em duas cidades e o serviço postal era extremamente deficiente, afirmou Buitron. Esse trabalho, apesar de apoiar-se nos princípios da antropologia social, e de estar sob o beneplácito de Métraux, adquiriu um forte caráter político, tendo sido subsidiada por instituições representantes dos interesses americanos na América Latina. Essa expedição acabou por justificar a proposta de colonização da Amazônia, com imigração de mão-de-obra e desenvolvimento da agricultura. O relatório de Huálaga enfatizou fortemente o potencial de riquezas da região que pretendiam colonizar²⁰.

Diferentemente, a expedição de Wagley em Gurupá pareceu ter caráter mais acadêmico no seu estudo de comunidade de Gurupá. e enfatizou os aspectos sócio-culturais do grupo que estudou. Com recortes diferentes dos de Buitron, e outra forma de interpretação, Wagley, com o auxílio de Eduardo Galvão, e as respectivas esposas, Cecília e Clara, analisou a população de Gurupá e suas condições de vida. O seu relatório começou fazendo uma descrição histórica da cidade, que fora, dizia, promissora na época do 'boom' da produção da borracha e depois decaíra, deixando até mesmo prédios inacabados, dando a impressão de abandono. Examinou a comunidade, dando ênfase na relação entre o aspecto físico da cidade e a distribuição social. Por exemplo, mostrou que no centro – na margem do rio -, estavam os habitantes oficiais: prefeito, coletor federal, professores, médico, chefe de polícia, etc., e os prédios como a prefeitura, hospital, escola. Na medida em que se afastavam do rio, as casas eram pobres, construídas com palmeiras, refletindo as diferenças econômicas e sociais de Gurupá. Diferenças que ele também analisou, mostrando que a estratificação social era muito mais econômica do que racial, e as atitudes diante da questão de raça eram muitas vezes jocosas, não constituindo subterfúgios, ao contrário, eram demonstradas abertamente e minimizadas pelas relações sociais que a cidade [pequena] impunha. A economia local era baseada no cultivo de plantas que serviam à subsistência. A mandioca era a principal, cultivada em “terra firme” e, o milho, o feijão, o arroz eram cultivados em terras das margens do rio, na vargem. Porém, a produção não era suficiente para o consumo local e exigia importação, principalmente de farinha. Ele terminou este capítulo dizendo que, com uma agricultura moderna, com técnicas e indústria adaptada à Amazônia, a terra suportaria uma extensa população. Assim, dizia, Gurupá estava apta a receber uma imigração européia em larga escala, identificando-se, nesse aspecto, com a recomendação da expedição peruana.

Wagley falou ainda das relações pessoais, onde as famílias formavam grupos fechados e unidos considerando o parentesco até o terceiro ou quarto grau. Socialmente imperava um sistema de compadrio: eram chamados de compadre todos aqueles, que mesmo não parentes, se auxiliavam mutuamente ou realizavam juntos alguma atividade. Analisou o que chamou as características pessoais, e procurou delimitar a cultura por seus valores,

²⁰ Unesco, NS/IIHA/19.

instituições e atitudes: população hospitaleira, porém, a hospitalidade poderia transformar-se em ostentação; ou amor às crianças que, paradoxalmente, podia se traduzir em dar para adoção, prática comum entre eles. Verificou sua crença religiosa: católicos, exceto por uma família judia. Havia também uma crença difundida em curandeiros ou em forças sobrenaturais.

Finalmente, Wagley recomendou que o staff do IIHA prosseguisse as pesquisas naquele lugar com diversas áreas das ciências naturais, pois, na sua opinião, Gurupá constituía um microcosmo da bacia Amazônica. Chamou a atenção para a característica mista da cultura, em que os índios detinham os métodos de subsistência, conheciam a fauna, a flora e os caminhos, conhecimento que criava uma dependência cultural nos grupos que, de fora e de outra cultura, estabeleceram-se na região. A dependência ficava atestada na frequência com que nomes índios foram adotados para os achados botânicos ou zoológicos. Os colonizadores do passado haviam aprendido os segredos do ‘estranho’ mundo tropical com eles.

A importância da antropologia para a Amazônia, Heloisa Alberto Torres havia resumido na Reunião Geral da Unesco, em Paris, em 1949. Explicando a necessidade de todas as expedições levarem na sua comitiva um etnólogo: *Uma pessoa que não conheça suficientemente a cultura dos grupos humanos corre o risco de preconizar métodos que podem dar um golpe mortal à organização econômica e social destas populações. Estas tendem a utilizar os meios de cultura que nós lhes damos, para outro fim que não aqueles que foram destinados, e a introdução de novos elementos de cultura, sem ter sido examinado preliminarmente por um etnólogo, poderá dar lugar a estados psíquicos desastrosos*²¹.

Este projeto do IIHA, ecológico e menos intervencionista, resumido por Heloisa Alberto Torres, não pode ser seguido nem ao menos pelo antropólogo que ela havia indicado. Os dois trabalhos de antropologia realizados no IIHA analisaram comunidades já urbanizadas e, embora, cada um as interpretasse sob aspectos diversos, ambos estavam preocupados em definir as condições sócio-econômicas que possíveis populações imigrantes poderiam ali encontrar. Embora, Wagley não recomendasse explicitamente a colonização ele parecia estar ciente de que tal objetivo existia, pois, dizia que nas condições em que se encontrava Gurupá, podia receber uma grande imigração. Metraux criticou os trabalhos de antropologia realizados pelo IIHA, numa nota publicada no *Journal des Americanistes*, com o título ‘Les enquetes ethnographiques dans le bassin de l’Amazone en 1948’. Nessa nota ele comentou a decisão de Iquitos de realizar as pesquisas comunitárias no Vale do Rio Huálaga e o de Gurupá, dizendo que fora uma “escolha infeliz” do ponto de vista etnográfico, pois, a população indígena original tinha desaparecido e, no caso de Huálaga, as influências andinas haviam praticamente apagado os traços culturais amazônicos. –“Era lamentável que se iniciasse o estudo da Hiléia Amazônica por uma área tão pouco representativa”, criticou Metraux. Ele disse ainda que tinha sido convidado para essa missão, mas que, por não concordar, desistiu. Buitron entrou em seu lugar. Sobre o trabalho de Wagley fez um comentário positivo, dizendo que ele havia assinalado no seu relatório que era importante atacar o problema do ‘homem na Amazônia’ com a cooperação de diferentes disciplinas científicas: psicologia, sociologia, geografia humana, psicologia, etc. Era esta, sublinhou Metraux, a tarefa reservada ao IIHA se o Brasil e os demais países se decidissem por um projeto grandioso²².

Mesmo contendo uma proposta de “ecologia humana”, o IIHA não podia abstrair as condições políticas reinantes na Amazônia. Era forte a concepção colonizadora de valorização [da agricultura e desmatamento] da Amazônia. Nesse contexto surgiu a agenda científica do IIHA e desta, depois de difíceis discussões, a realização das duas expedições, até que a chama

²¹ Unesco, Atas da Reunião Geral de Paris, 1949, p.339.

²² A..Metraux, Les enquetes ethnographiques dans le bassin de l’Amazone en 1948. *Journal des Americanistes*, 1949, p.177.

do Instituto fosse, aos poucos, se apagando pelo sopro das questões políticas do Brasil e pelas relações científicas dos países integrantes da instituição.

Do IHA ao INPA

Na 105ª reunião do CNPq, realizada em 13 agosto de 1952, Joaquim Costa Ribeiro, a pedido do Presidente Álvaro Alberto, leu a proposta de criação do INPA: *Propomos que o Conselho Deliberativo autorize o Presidente a promover, nos termos do artigo 13 da Lei nº 1310 de 15 de janeiro de 1951, a criação do Instituto Nacional da Amazônia, tendo como finalidade o estudo da geologia, da flora, da fauna, da antropologia e dos demais recursos naturais e das condições de vida da região amazônica, tendo em vista o bem estar humano e os reclamos da cultura, da economia e da segurança nacional*²³. Até que ponto estava inspirado na idéia de ecologia humana?

O que estava no ar era a questão da possível relação do Inpa com o IHA. Naquela sessão do CNPq o Conselheiro Heitor Grillo perguntou se esse Instituto tinha alguma relação com o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, que tinha sido objeto de tanta discussão?

Álvaro Alberto respondeu peremptoriamente:

–“Nenhuma. (...) A questão do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica está definitivamente encerrada porque a UNESCO já declarou isso várias vezes. O que se tentava fazer, naquela ocasião, era interessar os países que desejassem contribuir ao estudo do vale do Amazonas, sendo que aqueles, mais diretamente interessados, dariam uma contribuição maior. O Brasil deveria contribuir com metade do total das despesas feitas para isso e a administração ficaria à cargo da UNESCO, quer dizer, das Nações Unidas. Com relação ao mérito da questão, declarei que não entraria e não entro no exame da mesma aqui, no seio do Conselho. Tenho o meu ponto de vista individual a respeito disso, mas é uma opinião pessoal, nada tem a ver com o resto. O fato é que essa idéia, essa iniciativa, cujo autor só labutou por ela, porque estava animado dos mais generosos sentimentos, essa idéia, por um motivo independente dos principais promotores, não pode ser realizada. Diante do fracasso, a UNESCO desistiu completamente de tomar qualquer iniciativa nesse sentido. Álvaro Alberto não escondia sua relação e aprovação aos planos preconizados por Paulo Carneiro.

Heitor Grillo acabou aplaudindo a iniciativa do INPA pois a considerava da mais alta importância para a Amazônia. Disse que havia estudado o problema da Amazônia, com o Ministro da Agricultura, Ministro Fernando Costa, com quem instalara na cidade de Belém o Instituto Agrônomo do Norte. Disse ainda que colaborou, intensamente, na organização e no funcionamento do IAN, procurando fazer uma organização que atendesse os problemas econômicos. Discorreu sobre os trabalhos que botânicos, zoológicos, químicos, vinham desenvolvendo, muitas vezes em colaboração com missões americanas que por lá passavam, mas que o IAN não fazia aquilo que o amazonense queria, que era a indicação imediata da solução dos seus problemas. *–Tive ocasião de ir, várias vezes, lá e verifiquei que o primarismo daquelas populações e, sobretudo, a pobreza da sua política, impediam que os nossos bons técnicos pudessem realizar obra científica meritória, porque são combatidos, tenazmente. Acrescentou ainda que, num local em que a vida é cara e onde há fome, ninguém entende o valor da ciência; compreende-se é o valor do alimento imediato, para satisfazer a necessidade material da fome. Por fim, enfatizou a questão do homem amazônico, o problema da sua proteção, é jogado às Comissões que, ora existem, ora não. Temos tido alguma colaboração de instituições estrangeiras, especialmente, da Fundação Rockefeller, mas não temos tido um órgão permanente de ação.*

²³ Anais do CNPq, 13/08/1952-Sessão 105 (Arquivo MAST).

Foi essa questão, das condições de vida das populações da Amazônia, que inspirou, pouco tempo antes, o plano do IAN para o IIHA, apresentado por Felisberto Camargo à Heloisa Alberto Torres, após a reunião que se realizou em Manaus em maio de 1948.

O conjunto de projetos que ele apresentou tinha o objetivo de *promover a auto-suficiência básica da planície amazônica e preparar a Hiléia para, num futuro próximo, poder receber as massas humanas atormentadas pela miséria e pela fome, que desde já ameaçam o mundo.*

Camargo, na verdade, tinha um projeto intervencionista, no sentido que queria transformar a floresta em grandes terrenos agriculturáveis para a produção de determinadas espécies e de pastagens. Ao todo apresentou 6 projetos, quatro deles foram classificados como política de subsistência: 1) para produção de carne; 2) produção de leite; 3) produção de cereais, leguminosas, gorduras e oleaginosas vegetais, cacau e outras plantas alimentícias para o homem; 4) produção de juta. O quinto projeto, Economia, visava a exploração florestal e cultura de essências florestais, tendo em vista a produção de madeira de lei, e o sexto projeto, finalmente chamado de projeto Científico-Agrônômico, visava a colaboração científica. Ele justificava esse último porque, segundo ele, na Amazônia não havia mentalidade agrícola. Ele colocava à disposição do IIHA, a biblioteca do IAN, os seus laboratórios e instalações, bem como, as instalações de Belterra e Fordlândia, consideradas colônias modelo para a produção da borracha, que estavam sob a administração do IAN.

Esse plano de agricultura para a Amazônia era coerente com a preocupação de Camargo em colonizá-la, conforme ele quisera discutir na primeira reunião do IIHA em Belém, porém, o plano de antropologia do IIHA chocava-se com essa idéia e elas nunca se cruzaram. A idéia de valorizar o homem amazônico, mais do que subjugá-lo, fazendo do IIHA um projeto de ecologia humana, influenciou também o plano do INPA. Tal como na preparação do projeto do CNPq, entre os anos 1947 e 1950 – o Decreto-Lei 1310, que criou o CNPq era de janeiro de 1951 – a elaboração do plano do INPA passou pelas mãos das mesmas pessoas. Em 29 de janeiro de 1953, Paulo Carneiro enviou uma carta a Alvaro Alberto dizendo: *“No momento em que vai ser submetido à aprovação do Conselho Nacional de Pesquisas o projeto de Regulamento do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, quero agradecer-lhe, de todo o coração, o convite que recebi para colaborar nesse grandioso plano de trabalho. Nada me poderia trazer satisfação maior do que essa participação que lhe devo na execução final de um projeto por longos anos acariciado”*(Arquivo Álvaro Alberto, Centro Interunidades de História da Ciência, USP). Paulo Carneiro, ainda no intuito de auxiliar sugeria nomes para direção geral e científica do Inpa. Para diretor, entre outros, sugeriu os nomes de Heloisa Alberto Torres, Felisberto Camargo Arthur Moses, presidente da Academia de Ciências, sempre presente às reuniões do IBECC, e Gastão Cruls. Este último, que não esteve diretamente ligado ao IIHA, sempre estivera muito próximo daquele grupo. Ele havia acompanhado Rondon numa de suas viagens à Amazônia e escreveu, depois de ter escrito a *Amazônia Misteriosa*, a *Amazônia que eu vi*, em cujo prefácio, Roquette Pinto escreveu: - *Como desmente este livro os imprudentes e levianos que imaginam o Brasil progredindo somente à custa da “gente branca” Como palpita, nas páginas fortes, a vibração dos músculos caboclos, no varar das cachoeiras, arrastando nos pedrouços ardentes, castigados pelo sol, os “madeiros” pesados! Como vive, neste livro, a alma dos humildes brasileiros que não conhecem fadiga nem medo, na hora de “cumprir obrigação”!* *Gastão Cruls serviu, aqui, com sinceridade às ciências e às letras* (Cruls, 1954, 4ª ed.). Tal passagem resumia a identidade de Cruls com os idealizadores do IIHA.

Paulo Carneiro, ainda sugeriu, na carta a Álvaro Alberto, que para diretor científico do Inpa fosse nomeado José Candido de Carvalho, um dos cientistas que combatera o projeto do IIHA, por vê-lo apenas sob o ângulo nacionalista. Ele havia estimulado a campanha pública que

Artur Bernardes desfechou contra o Instituto da Hiléia²⁴. A indicação era um paradoxo, que podia ser a evidência de que quanto o IIHA tinha sido um projeto idealista. Para Paulo Carneiro era o valor científico tanto de um projeto quanto de outro que estava em jogo para ‘desenvolver’ a Amazônia. José Candido foi nomeado, em abril de 1955, Diretor do Museu Goeldi, quando este passou à administração do Inpa.

Na mesma reunião do CNPq em que o projeto do INPA foi apresentado, Costa Ribeiro reiterou que o INPA, num primeiro momento, deveria fazer um balanço do que já existia, verificando o papel do Museu Goeldi, “que está numa fase decadente”. Acrescentou ainda: *Em todas as instituições científicas do mundo existe um interesse imenso pela Amazônia e nós, evidentemente vamos nos aproveitar desse interesse para realizar acordos com essas instituições que virão com seus especialistas, com os seus técnicos, trabalhar conosco aqui. O fato do INPA ter a responsabilidade do nosso governo e do Conselho, não significa que seja um instituto que vai dispensar a colaboração de outros cientistas estrangeiros; ao contrário, ele virá propiciar e facilitar esse intercâmbio e essa colaboração*²⁵. Insistia, portanto, na idéia de uma ciência para Amazônia inserida no campo de produção científico internacional.

Na Exposição de Motivos do Inpa, apresentada por Álvaro Alberto ao Presidente da República, ele lembrou, indiretamente, o papel do IIHA, e o propósito científico do Inpa idêntico ao do primeiro: *É oportuno também registrar os nobres propósitos dos que buscaram oferecer uma solução ao problema da investigação científica e técnica da Hiléia Amazônica, mediante o concurso direto de entidades internacionais, ao tempo que ainda não existia o Conselho Nacional de Pesquisas. A solução ora formulada parece atender a todos os escopos colimados pelos projetos até aqui esboçados, sem dar, entretanto, motivos de controvérsias em torno de questões pertinentes à soberania nacional.* O Inpa significava assim uma nacionalização do projeto científico do IIHA, mas não uma oposição.

O novo projeto de pesquisa para a Amazônia reiterava a questão ecológica associada aos problemas sociais. Em outra passagem da exposição de motivos, Álvaro Alberto dizia que estavam em andamento os estudos que definiriam as atividades iniciais do Instituto, entre as quais ressaltavam, como de maior importância, os concernentes à ecologia tropical, a que estão ligados problemas fundamentais de alimentação e saúde²⁶. Voltava, assim, às questões de ecologia humana que haviam norteado as preocupações do IIHA.

Mas, a proposta científica do Inpa continha certa ambigüidade, pois, ligava-se também ao “Plano de Valorização da Amazônia”, plano oficial, regulamentado pela Lei n. 1206, de 6 de janeiro de 1953. Órgão eminentemente voltado para o desenvolvimento econômico da Amazônia, determinava, num dos itens do regulamento, *manter um programa de pesquisas geográficas naturais, tecnológicas e sociais e de preparação, recrutamento e fixação de quadros técnicos e científicos na região, tendo em vista orientar, atualizar e aperfeiçoar a compreensão do Plano e fornecer os elementos técnicos para sua execução.* A esse item ligava-se o Inpa, também por determinação expressa da Lei de criação, ao Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Em 1951, o governo patrocinou uma série de conferências da Comissão de Valorização da Amazônia. O Jornal do Comércio, de 28/10/1952, data da criação do Inpa, afirmou que a idéia do instituto de pesquisa nascera naquela reunião do ano anterior. Ao contrário do Inpa, o IIHA foi, de certa forma, rejeitado pela Comissão de Valorização da Amazônia, responsável pela elaboração do “Plano”. Em 1949, após uma apreciação crítica sobre o IIHA, a Comissão de Valorização da Amazônia recebeu Artur Bernardes e ouviu todas as suas restrições ao projeto de um instituto internacional de pesquisas na Amazônia²⁷.

²⁴ Ver, neste volume, entrevista com Luiz de Castro Faria.

²⁵ Anais do CNPq, Sessão 105ª (Arquivo MAST).

²⁶ Arquivo Álvaro Alberto/CNPq/072 (Centro Interunidades de Ciências; USP).

²⁷ Ata de reunião da Comissão Especial do Plano de Valorização da Amazônia, 14/10/1949 (Arquivo

Mas, a confusão entre o IIHA e o Inpa não podia ser feita; eram, politicamente, diferentes. O jornal 'Correio da Manhã', em janeiro de 1953, buscou dissipar as dúvidas que pairavam sobre a possível confusão entre ambos sem, contudo, antagonizá-las. Em editorial, afirmou: *O caso é diferente e precisa ser explicado. O INPA foi estabelecido com o objetivo de promover o estudo científico do meio físico e das condições de vida da região amazônica. Ficará subordinado ao CNPq, que o propôs ao Governo, e terá sua sede na mesma região. (...) Toda a opinião mais esclarecida do país vinha, então, acompanhando de perto o debate que suscitou o plano de fundação do IIHA, plano completo de estudos, elaborado por técnicos e cientistas de boa formação patriótica, com o fim de investigar os problemas de natureza ecológica da enorme área equatorial da América do Sul.* No entanto, a idéia, segundo o articulista, de se empreender pesquisas através de um organismo de cooperação internacional não tinha encontrado nos meios brasileiros um clima político favorável. Mas a urgência das pesquisas na Amazônia inspirou a criação do INPA, que tinha sido acolhida com aplausos para que se comesçassem, no plano nacional, as pesquisas que o Instituto da Hiléia se propunha a fazer em escala de mais amplas proporções. Finalizando dizia: *Não foram, entretanto, perdidos os esforços tendentes à constituição do IIHA. Muito do que foi então projetado servirá agora para o bom êxito da ingente tarefa confiada pelo governo ao novo Instituto.*

Não somente o que fora aprendido com o IIHA continuaria, mas, as relações do CNPq com a Unesco também continuaram e, antes mesmo que o Inpa entrasse em funcionamento, Álvaro Alberto participou dos trabalhos de organização de uma comissão consultiva internacional, a ser criada, com a finalidade de promover a colaboração internacional na pesquisa científica, entre conselhos e centros nacionais de pesquisas científicas e técnicas. A comissão tinha como objetivo de dar assistência ao Diretor Geral da Unesco na elaboração do programa de Organização das Ciências Naturais e Exatas e, em particular, no estabelecimento de centros regionais e internacionais de pesquisa e de coordenação especializada no estudo dos problemas relativos, principalmente, à zona árida, à zona tropical úmida e à oceanografia. Álvaro Alberto participou da primeira reunião, em Paris, em maio de 1953, acompanhado de Miguel Osório de Almeida e Paulo Berredo Carneiro.

Arquivos Consultados

UNESCO, Paris; Itamaraty, Rio de Janeiro, Brasília; Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; Musée de l'Homme, Paris; INPA, Manaus; EMBRAPA, Belém; Museu Goeldi, Belém; Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST; Heloisa Alberto Torres, Itaboraí, RJ; Álvaro Alberto, Centro Interunidades/USP; Felisberto Camargo, Belém (sob a guarda do dr. Italo Falesi); CPDOC/FGV, Rio de Janeiro;

Bibliografia

Alfred Métraux, *Itinéraires (1953-1953). Carnets des notes et journeaux de voyage*, Paris, Payot, 1978

Fred Love Soper, *Ventures in World Health: the Memoirs of Fred Soper*, Woolington, PHAO, 1977.

Gastão Cruls, *A Amazônia que eu vi*, São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1954, 4ª edição

Norbert Elias, *Envolvimento e Alienação*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

Paul Rivet, *As Origens do Homem Americano*, São Paulo, Anhambi, 1960. 3ª edição, tradução e Introdução Paulo Duarte

Patrick Petitjean e Helôisa M. Bertol Domingues, *A redescoberta da Amazônia num projeto da Unesco: o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica*, *Revista de Estudos Históricos – Descobrimientos*. Rio de Janeiro, 14, n.26(2000) 265-292

OBS. Este trabalho é parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida pelos autores, num Convênio Internacional CNPq-CNRS. O levantamento de dados da imprensa resultou do trabalho de levantamento de dados que vem sendo empreendido pela bolsista, Sabrina Parracho Santana.

Agradecemos a Alfredo Wagner a gentileza de ler e tecer comentários sobre o trabalho.